



*Arthur Schopenhauer*

# A ARTE DE LIDAR COM AS MULHERES

*Introdução e notas de Franco Volpi*

*Martins Fontes*

**Arthur Schopenhauer**

**A ARTE DE LIDAR COM  
AS MULHERES**

Introdução e notas de Franco Volpi

Tradução

Eurides Avance de Souza (alemão)

Karina Iannini (italiano)

A presente tradução foi revista pelo organizador

Franco Volpi

Martins Fontes

São Paulo 2004

# Introdução

Se o mundo nasceu de um capricho de Deus, então a mulher é o ser em que o Supremo Artífice quis manifestar da melhor maneira o lado imprevisível de sua insondável natureza. Esse bon mot, não tão distante das convicções mais radicadas no espírito masculino, deveria persuadir qualquer pessoa, homens e mulheres, da utilidade deste pequeno tratado. O tema é delicado, mas não se pode evitá-lo.

O que podem nos ensinar os filósofos – depositários de sabedoria por definição, mas falidos no amor – sobre como tratar as mulheres? O que aconselham para deter os vagos comportamentos e frear esse nosso obscuro objeto do desejo? Que estratégia sugerem para desfazer os caprichos do sexo frágil?

## **1. Filósofos e mulheres: uma secular "mésalliance"**

Desde os tempos antigos, as relações entre os filósofos e as mulheres foram marcadas por uma irreparável mésalliance. Revisitando a história do pensamento filosófico nessa perspectiva, tem-se, num primeiro momento, a impressão de que a filosofia sempre foi e sempre será uma questão tipicamente masculina.

Todavia, se observarmos bem, veremos que não faltavam, já na Antiguidade, figuras de pensadoras mulheres. No primeiro século a.C., o estóico Apolônio encontrou matéria suficiente para redigir uma história da filosofia feminina, e Filocoro escreveu um livro inteiro sobre as filósofas pitagóricas, que efetivamente formaram um grupo numeroso. Mas nossa gratidão maior vai para Gilles Ménage, escritor e erudito, freqüentador do Hôtel de Rambouillet, muito admirado por Madame de La Fayette e Madame de Sévigné, mas que passou para a posteridade pela caricatura que dele fez Molière no personagem Vadius, das Femmes savantes. Perlustrando pacientemente os séculos, Ménage recolheu em 1690 uma *Historia mulierum philosopharum*, que se lê ainda hoje com divertimento e proveito.

No entanto, ocorre de nos perguntarmos: por que, de todas as venustas filósofas mencionadas nessa obra, não restou um só pensamento, nem um único fragmento se salvou da fúria destrutiva do tempo? Foi um acaso ou devemos pensar, com Hegel, que nessa matéria a história universal (*Weltgeschichte*) também emitiu seu julgamento universal (*Weltgericht*) ? Quero dizer: no fundo, esses pensamentos não mereciam ser conservados?

Seja como for, a tradição do pensamento ocidental, apesar da diversidade das posições, das tendências e das escolas que a constituem, mostra uma surpreendente compactação ao remover, de princípio ou de fato, o sexo feminino, excluindo-o de um papel ativo na filosofia. Se o paralelo não suscitasse hilaridade, e se alguém já não o tivesse proposto, poderíamos arriscar a seguinte tese: assim como Heidegger afirmou que a filosofia ocidental é caracterizada pelo "esquecimento do Ser", poderíamos sustentar que ela é marcada por outro muito mais escandaloso: o "esquecimento da mulher".

Desde Tales, ridicularizado por uma criada trácia, até Wittgenstein e suas confusões com Marguerite, os filósofos contribuíram sistematicamente para esse ostracismo, tanto na teoria quanto na prática. Uma reconfirmação indireta de tal mégal-lianceé, por exemplo, o fato de nenhum dos mais antigos filósofos, os pré-socráticos, ter se casado. O primeiro a dar tal passo foi Sócrates, que se casou com Xantipa: todos sabemos, porém, com quais conseqüências.

Justamente Platão, que em todas as outras questões o apontava como modelo, a esse respeito evitou seguir seu exemplo. E, no entanto, na República, ele reivindicou a igualdade dos direitos para as mulheres, admitindo-as até no estudo da filosofia: infelizmente, o fato é que nessa

obra ele ilustrou apenas uma utopia. Já no *Timeu*, quando expôs a doutrina das metempsicoses, Platão afirmou que as almas são originariamente masculinas: as que vivem indignamente seriam destinadas a reencarnar num corpo feminino e, se novamente se comportassem mal, transmigrariam para o corpo de um animal. Desse modo, ele terminou por atribuir à mulher o estatuto de ser inferior, a meio-caminho entre o homem e o animal.

Outro seguidor de Sócrates, Antístenes, o Cínico, afirmava que o amor é uma imperfeição da natureza e que, se Afrodite estivesse a seu alcance, iria fulminá-la com uma flecha (apud Clemente de Alexandria, *Stromata*, II, 20, 107, 2). Com o objetivo de evitar qualquer desgraça, Diógenes de Sinope, seu discípulo, aconselhava a prática do auto-erotismo (Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VI, 2) .

Para encontrar um grande filósofo capaz de um matrimônio normal, é preciso esperar Aristóteles, que soube, de fato, conciliar a vida contemplativa e a vida conjugal: casou-se com Pítias e teve uma filha com ela. Não apenas isso: após ficar viúvo, acolheu em sua casa outra mulher, Herpílis, que lhe deu um segundo filho, Nicômaco. Do afeto com que no testamento lembrou ambas, deduz-se que as duas uniões foram felizes: o

estagirita pediu que os restos mortais da mulher fossem colocados junto aos seus e deixou parte da herança a Herpílis.

Todavia, por mais radicada que fosse a idéia da inconciliabilidade entre atividade filosófica e contato freqüente com mulheres, é fato que até mesmo ao inocente "mestre daqueles que sabem" os séculos teriam atribuído uma tradição denegratória, que difundiu uma imagem bem menos edificante de suas relações com o outro sexo. É o motivo de Aristóteles e Fílis, do sábio e da bela cortesã, retomado por intermédio dos árabes numa corrente oriental (Pancatantra) e transmitido em vários contos medievais e representações artísticas, entre as quais uma célebre xilogravura de Hans Baldun Grien. A atraente Fílis distrai com suas graças o jovem Alexandre, confiado pelo pai Filipe, rei da Macedônia, à educação de Aristóteles. Este se lamenta com o rei, que proíbe ao fogoso adolescente encontrar-se com a bela donzela. Esta se vinga, prometendo ao filósofo as suas graças com a condição de que ele, engatinhando, deixe-se montar por ela. Seduzido pelas redondas belezas, Aristóteles aceita, ignaro de que a astuta jovem avisou antecipadamente o rei do espetáculo: assim, o grande pensador é reduzido a objeto de escárnio da corte macedônia. Desmoralizado,



retira-se para uma ilha a fim de escrever um tratado sobre a perfídia feminina.

Em seguida, as relações entre os filósofos e as mulheres não melhoraram, nem mesmo em época moderna. Até mesmo Kant, campeão do pensamento iluminista, que elevou a princípio a coragem de se servir do próprio intelecto contra todo preconceito e toda autoridade, parece ter perdido com as mulheres o lume da razão. É verdade que o grande filósofo de Kônigsberg emancipou a mulher da primitiva e animalesca sujeição ao homem, concedendo-lhe o direito à "galante-ria", ou seja, à "liberdade de ter publicamente diversos amantes". Em compensação, porém, negou-lhe o direito de voto' e acumulou com prosopopéia uma série de preconceitos, ironias e impertinências sobre o sexo feminino, que apresentou como resultado científico de uma "antropologia pragmática". Algum exemplo? "As qualidades da mulher se chamam fraquezas." Ou: "O homem é fácil de ser indagado; já a mulher não revela seu segredo, embora (em virtude de sua loquacidade) dificilmente guarde o dos outros." E ainda: "Com o matrimônio, a mulher se torna livre, e o homem perde a sua liberdade." E sobre a cultura feminina: "As mulheres cultas usam os livros quase como um relógio, que carregam para mostrar que têm, embora

geralmente ele esteja parado ou não corresponda ao sol."<sup>1</sup> E assim por diante. É o caso de pensar que, em matéria de mulheres, o insuspeitado Kant tenha sido o modelo das maldades de Schopenhauer e de Nietzsche.

Seja como for, é do conhecimento de todos que, com as mulheres e no amor, os grandes filósofos em geral não se saem bem. Se ainda por cima iniciam uma relação amorosa, incorrem em desventuras, arrumam incidentes graves e confusão: Abelardo com Heloísa, Nietzsche com Lou, Weber com Else, Scheler com suas inúmeras amantes, Heidegger com Hannah, Wittgenstein com Marguerite. Nem chega a ser o caso de dar início à embaraçosa lista, equilibrada apenas em parte por alguns exempla in contrarium: o amor de Schelling por Caroline, o idílio de Comte e Clotilde, a simbiose de Simmel com Gertrud (autora, sob pseudônimo, de importantes livros), o irresistível encontro de Bataille e Laure.

## **2. O caso Schopenhauer**

Tudo isso se traduz numa única e simples recomendação hermenêutica: ao ler-se o presente tratado, devem ser levados em conta os condicionamentos e as

---

<sup>1</sup> "Anthropologie in pragmatischer Hinsicht" (1798), in Kants gesammelte Schriften, organizado pela Königlich Preussische Akademie der Wissenschaften, vol. VII, Reimer, Berlim, 1907, pp. 303-11.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

